



**Da superação ao reencontro:
carta a uma turma de
concluintes do curso de
pedagogia da UFRN**

Gilberto Ferreira Costa

1

É com muita alegria que, nesse momento solene e festivo, me dirigo a vocês concluintes do curso de Pedagogia da UFRN.

Estimadas e estimados estudantes, agora pedagogas e pedagogos, devidamente licenciados no curso de Pedagogia. Este é um momento histórico para todas as pessoas que estão aqui. Depois de muito tempo estamos juntos num mesmo espaço físico, ainda com algumas barreiras, e unidos por um mesmo motivo, por uma mesma alegria: a de celebrarmos a formatura dos concluintes do curso de Pedagogia presencial semestre 2022.2.

E como é bom estarmos juntos, exatamente como tivemos há dois anos e sete meses atrás quando celebramos a última formatura do curso de Pedagogia no formato presencial. Pois é exatamente por estarmos vivendo esse momento histórico que inicio falando de superação.

Vivemos, recentemente, um momento único na nossa história, único porque nenhum de nós que aqui está havia vivenciando de tão perto e de forma tão real uma pandemia e suas consequências.

Escolhi iniciar falando de superação porque sabemos o que perdemos, sabemos o que deixamos de viver. Nesse processo, conhecemos a dissabor de vivermos separados das pessoas que amamos, sentimos a impossibilidade dos momentos que planejamos e não conseguimos realizar. Foram tempos difíceis, na verdade ainda são, pois em alguma medida ainda estamos tentando conviver com algumas barreiras, sejam elas físicas ou psicológicas. Contudo, o tempo que nos separou também nos trouxe de volta e aqui estamos.

Superamos? Essa é uma boa pergunta. E, certamente, ao estarmos aqui nesse momento festivo lembramos daqueles que juntos conosco também poderiam estar, mas que por decorrência da pandemia do covid-19 não estão, pelo menos presencialmente. Aos ausentes emanamos as melhores energias, o nosso carinho e nossas melhores e mais vivas lembranças.

Sigamos, portanto, com a certeza de que podemos ser muito fortes, e como somos, pois percebemos a nossa grande capacidade de superar desafios que não imaginávamos existir, desafios que não prevíamos. E somos fortes não apenas como indivíduos mas, como coletividade. Estivemos juntos pelo desejo de continuarmos firmes a história da humanidade que é sempre a história da superação. E a história não se dissocia do espaço. Cada um de nós constroi sua história em um lugar. O interessante é percebermos que esse lugar que nos torna único, por mais que pessoal e singular que seja, está em conexão sempre com o lugar do outro, pois aprendemos que essa conexão não apenas existe, mas ela é extremamente necessária: a conexão que une eu e o outro, eu e nós.

E nos parece que essa força que nos conecta ao outro nunca foi tão necessária como

Carta proferida pelo professor Gilberto Ferreira Costa à turma de concluintes do curso de Pedagogia presencial - semestre 2022.1 - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em solenidade de Colação de grau realizada em 02 de fevereiro de 2023

tem sido nesses tempos recentes. Vencer algo que tem uma força destrutiva como uma pandemia só é possível graças à força do coletivo, ainda que, todos os dias, escutássemos dizerem o contrário. Somente como um coletivo, constituído por pessoas capazes de agir e pensar criticamente sobre suas ações, com a sensibilidade necessária para entendermos de que forma as minhas ações implicam na vida do outro, é que podemos nos movimentarmos com a força que nos torna melhores como sujeitos na construção de um mundo menos excludente.

Porque estou falando de superação e da força do coletivo?

Porque entendo ser necessário compreendermos esses processos de superação e de luta como faces de uma mesma moeda. Porque acredito que somente a força do coletivo é quem alimenta e sustém nossas lutas e conquistas. Aqui, trago como exemplo o percurso de vocês na UFRN desde o momento em que se tornaram estudantes do curso de Pedagogia. Permanecer como estudante numa instituição de ensino superior não é possível sem a mobilização de diferentes coletivos, a começar por vocês enquanto um coletivo de estudantes. Sem dúvida, vocês sempre foram um coletivo que lutou junto na defesa e na conquista de coisas importantes. Para além desse grupo que aqui vocês construíram, vocês contaram com um coletivo de amigas e amigos, que lhes deram apoio e ajudaram a seguir em frente. Não há como negar a importância de um coletivo do qual vocês são parte significativa: a família de cada um. Durante esses anos que seus filhos e filhas estiveram na ufrn um coletivo muito importante para cada um que aqui convive, com suas conquistas e também dificuldades, cada família esteve junto para dar o suporte que um ou mais de seus membros necessitava.

A universidade é um sonho para todas as famílias. Qual pai ou mãe não sonha com o dia de hoje, o dia da formatura da sua filha, do seu filho? Mas para que esse sonho se realize, não basta batalhar por ele sozinho ou mesmo com a família ou ainda com os amigos estudando para garantir uma vaga. A nossa universidade pública, gratuita e de qualidade deve contar com a defesa incansável de cada jovem, de cada família, de cada professor e profissional de todas as áreas do conhecimento, para que ela continue avançando como um espaço público e acessível aos que a buscam. Não podemos retroceder, nem permitir que nossa universidade seja usurpada em prol de grupos econômicos e politicamente privilegiados. A universidade pública é de todo o coletivo que chamamos de sociedade e deve estar a serviço deste.

A defesa da Universidade pública e da Ciência nunca foi tão necessária como agora. Nesses últimos dois anos presenciamos visualizamos dois extremos: de um lado a negação da importância da Ciência para o enfrentamento dos desafios da humanidade e do outro a Ciência mostrando, concretamente, que a humanidade evoluiu e que as técnicas desenvolvidas pelo acúmulo do conhecimento humano é capaz de nos dar respostas para os desafios que surgem.

Como professoras e professores não podemos negar a importância da Ciência, mais que

isso não podemos considerá-la como produtora de um conhecimento acessível apenas a determinados grupos. Precisamos da Ciência e de uma Ciência que esteja ao alcance de todas as pessoas.

Concluir o curso de Pedagogia tem uma importância singular. Durante todo o curso vocês participaram de momentos de reflexões permeados por questões básicas, mas essenciais: como professora e professor qual contribuição você traz para a construção de um mundo melhor? Qual concepção de sujeito você defende e como isso implica nas suas práticas de formação? É que essas perguntas, que não são triviais, se tornam mobilizadoras do seu fazer, daquilo que você realmente imprime na sua praxis.

Construir, articular, propor e mediar processos de formação dentro e fora da escola tem um significado muito particular, especialmente num momento em que nos deparamos com desafios das mais diversas ordens, em especial, a necessidade da inclusão dos diferentes sujeitos nas escolas, a inclusão de todas as pessoas nos espaços de formação, nos processos de discussão e de decisão, nesse movimento cada vez mais presente de (re) construção e ressignificação de saberes.

Desculpem-me pela insistência, mas vivemos em um momento no qual é preciso repetir algumas coisas. Por isso, insisto em falar da necessidade de inclusão das comunidades nos diferentes processos educativos. Não podemos mais entender como natural que as pessoas continuem excluídos dos processos de produção de conhecimento, processos estes que são impulsionadores da melhoria da qualidade de vida e que podem contribuir para uma visão de mundo mais crítica, mais consistente e, portanto, resultando em ações mais democráticas, mais humanizadas. É o acesso a processos de formação mais inclusivos que podemos desprender esforços na construção uma sociedade mais consciente e portanto, menos vítima de processos de alienação e massificação.

Como profissionais da Educação qual o nosso papel? É preciso estarmos atentos a esse lugar, pois não é este um lugar qualquer. Ainda precisamos, como professoras e professores educar e formar gerações cada vez mais conscientes da necessidade da preservação do planeta, das suas matas, suas águas e seus animais, preservação da população indígena, preservação, inclusive, da própria humanidade. É nosso dever contribuir para a educação e formação de gerações cada vez mais críticas e com consciência política, principalmente na defesa de um Brasil cada vez mais justo, menos desigual e mais democrático.

Como professoras e professores, mas também como humanos, precisamos dizer sempre não a qualquer forma de preconceito, seja ele de classe, religioso, racial, de gênero. digamos sempre não a xenofobia, à intolerância religiosa, não ao racismo, à homofobia ou a qualquer coisa que trate a pessoa humana como inferior apenas porque é diferente. dizer não ao preconceito e desenvolver atitudes contrárias a exclusão do diferente deve ser um dos nossos compromissos mais grandioso.

É comum ouvirmos de vocês em sala de aula que nossas professoras e professores dos primeiros anos de escola nos deixam marcas. Então que as marcas deixadas por cada uma

e cada um de vocês, em qualquer nível da educação e em qualquer espaço de formação, sejam marcas positivas, de afeto sem dúvida, mas de um conhecimento que nunca oprime mas, pelo contrário, liberta. Lembro aqui do nosso grande mestre Paulo Freire que, muito sabiamente, nos apresenta a necessidade de nos opormos a uma pedagogia dominante que se proponha a aprofundar as desigualdades. Ao invés disso, nos é apresentado a necessidade de praticarmos uma pedagogia da inclusão que propicia a alteridade entre as pessoas ao afirmar, reconhecer e respeitar as diferenças que nos constituem e nos caracterizam como seres humanos.

Dito isso, quero parabenizar a vocês e às suas famílias. Dizer-lhes da necessária esperança que temos na mudança e na transformação que cada um de vocês pode fazer, como professoras e professores, a partir da sua ação.

E nunca esqueçam de fazer perguntas. Aliás, são as perguntas simples que, como Einstein costumava dizer, só uma criança pode fazer mas que, depois de feitas, são capazes de trazer luz ao que nos deixa perplexos. Especialmente nesse momento político que vivemos estamos precisando de perguntas, estamos precisando de luz.

Certa vez, uma grande amiga, a professora e poetisa Ana de Santana, a quem a vida me deu o privilégio de conhecer, me apresentou o “Livro das perguntas” de autoria do famoso poeta chileno Pablo Neruda. Esse livro tem perguntas simples como

“Para onde foram as donanas, as felizbertas, as bizuzas?”

Ou

“É verdade que no formigueiro os sonhos são obrigatórios?”

Ou ainda,

“Onde encontrar uma sineta que soe dentro de teus sonhos?”

Meus, agora, colegas de profissão, eu diria que a sineta que deve soar dentro de nossos sonhos é a própria pergunta. Devemos sempre nos perguntar se ainda sonhamos e com o que sonhamos, e o que precisamos fazer para superarmos as dificuldades de realizar os sonhos. Saber perguntar é o primeiro passo para encontrar a resposta. E saber perguntar é uma coisa que a escola deve ensinar, por isso precisamos tanto defender a educação, a cultura, a ciência. Elas existem porque fomos capazes de perguntar.

Para finalizar, quero agradecer a todos vocês essa oportunidade que me foi dada, de falar a vocês neste momento tão importante de suas vidas.

Desejo a cada uma e a cada um de vocês todo o sucesso que a vida profissional possa lhes proporcionar e, principalmente, desejo-lhes todo o amor do mundo. Inclusive amor às perguntas que lhes conduzirão pela vida.

Gilberto Ferreira Costa

(Professor vinculado ao DPEC/CE - UFRN)